

6

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida privada e ordem privada no Império In: NOVAIS, Fernando A; ALENCASTRO, Luiz Felipe (org). *História da Vida Privada no Brasil, volume 2*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALMEIDA, Maura Maria Guimarães. *Subregistro de nascimentos em Salvador: fatores que podem condicionar a deficiência do registro de nascimento*. Salvador: Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, UFBA, 1978, mimeo.

ARIÈS, Phillipe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada, volume 2*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

BAUMAM, Zygmunt. *Globalização e conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri, KRAMER, Sonia. *Infância, Educação e Direitos humanos*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

BILAC, Elisabete Dória. *Mãe certa, pai Incerto: da construção social à normatização jurídica da paternidade e da filiação*. Trabalho apresentado no GT Família e Sociedade da XX ANPOCS, 1999.

BORGES, Paulo Humberto Porto. *Sonhos e Nomes: As Crianças Guarani*. Campinas: Cadernos Cedes, ano XXII, n.56. Abril/2002.

BORTOLI, DeJane Luiza. *O documento eletrônico no ofício de registro civil de pessoas naturais*. Florianópolis: Dissertação de mestrado em ciências da computação, UFSC, 2002, mimeo.

BOTELHO, Lúcio José. *Declaração de nascidos vivos valor preditivo para a mortalidade Infantil*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Saúde Pública, UFSC, 2003, mimeo.

BRASILEIRO, Tula Vieira. *Pode entrar que a creche é sua*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado em Educação, PUC- Rio, 2001, mimeo.

BRASILEIRO, Tula Vieira. *Projeto Registre sua Criança*. Rio de Janeiro: Hospital Estadual Carlos Chagas, 2001, mimeo.

BRASILEIRO, Tula Vieira. *Filho de: um dos muitos nomes da Infância brasileira*. Rio de Janeiro: 10º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – CD Room, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 1996.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e Maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CABRAL, João de Pina. *O limiar dos afetos: algumas considerações sobre nomeação e a constituição social de pessoas*. Lisboa, 2005, mimeo.

CAMPOS, Izaura Maria Moura. *Comunidade, Escola e Desenvolvimento Local: estudo no âmbito da comunidade urbana do distrito de Anhanduí, município de Campo Grande*. Dom Bosco: Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local, 2002, mimeo.

CARDOSO, Adilson Lopes, FERNANDES, Maria Idalina Marques, SILVA, Antônio Augusto Moura da, ARAGÃO, Vânia Maria de Farias, SILVA, Raimundo Antonio da. *Subregistro de nascimentos no município de Centro Novo do Maranhão*. Rev. Brasileira de Epidemiologia, vol. 6, nº 3, São Paulo, set. 2003.

CASTANHEL, Márcia Sueli Del. *Registro de nascimentos vivos em Florianópolis – SC, uma questão de cidadania*. Santa Catarina: Dissertação de mestrado em Saúde Pública, UFSC, 2003, mimeo.

CASTRO, Hebe M. Mattos de In: NOVAIS, Fernando A; ALENCASTRO, Luiz Felipe. *História da Vida Privada no Brasil, volume 2*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada, volume 3*, São Paulo: Companhia das letras, 1991.

CIPRIANO, Emília Maria Bezerra. *Especialista e alfabetizador a construção da práxis pedagógica pelo diálogo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, PUC- São Paulo, 1991, mimeo.

COHN, Clarice. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia In: SILVA, Aracy Lopes (org.) *Crianças Indígenas – Ensaios Antropológicos*. São Paulo: Editora Global, 2002.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

COSTA, Ozanira Ferreira da. *Com os pés no chão das ruas e praças: uma análise da prática educativa das ONGs de Educação*. Brasília: Dissertação de Mestrado em Política Social, UNB, 1999, mimeo.

CUNHA, Valdenice Fernandes da. *O Subregistro de nascimento e os aspectos administrativos do problema*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1993, mimeo.

CUNHA, Estela Maria Garcia Pinto. *Condicionantes da mortalidade Infantil segundo raça/cor no estado de São Paulo*. Campinas, Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Unicamp: 2001, mimeo.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997a.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. *A mão visível do Estado: notas sobre o significado cultural dos documentos*. Anuário Antropológico, número 99. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

DANTAS, Laurentino Augusto. ECN: *protocolo criptográfico para emissão de certidão de nascimento na internet*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Ciências da Computação, UFSC, 2001, mimeo.

DAUSTER, Tania. O lugar da mãe In: *Comunicações do ISER* Ano 2, n.7, Rio de Janeiro: ISER, 1983.

DAUSTER, Tania. *Nome de família: maternidade fora do casamento e o princípio de filiação patrilinear*, Tese de doutorado em Educação, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1987.

DAUSTER, Tania. *Um outro olhar – entre a antropologia e a educação*. Cadernos de Educação PUC- Rio, 1996.

DAUSTER, Tania. *O Campo Simbólico da Universidade – os professores, a diversidade cultural e a excelência acadêmica*. Projeto de pesquisa, PUC- Rio, 2002.

FARIAS, Eliane Pessoa. *Como você se chama? Considerações sobre o nome próprio*. Boletim científico da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, nº2, 2003.

FERRAREZ, Mônica. *A garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes: uma análise a partir das notificações de maus tratos do HECC/RJ*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Rio de Janeiro: UERJ, 2005, mimeo.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONSECA, Claudia. *Paternidade brasileira na era do DNA: a certeza que pariu a dúvida*. 2005 consultado em www.icantropologia.org/quaderns.

FONSECA, Claudia. Ritos de Recepção: nomes, batismos, e certidões como formas de Inscrição da criança no mundo social. IN SOUSA, Sonia M. Gomes. (org.) *Infância e Adolescência: múltiplos olhares*. Goiânia: Editora da UFG, no prelo.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Recife: companhia editora de Pernambuco, 1970

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GEERTZ, Clifford. Obras e vidas. *O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de passagem*. Petrópolis: Editora vozes, 1978.

GERMINARI, Geysa Dongley. *O uso metodológico de documentos em estado de arquivo familiar no ensino de história na escola fundamental*. Paraná: Dissertação de Mestrado em Educação, UFPR, 2001, mimeo.

IBGE. *Estatísticas do Registro Civil - 2004*. www.ibge.gov.br

IBGE. *Estatísticas do Registro Civil - 2005*. www.ibge.gov.br

IBGE. *Estatísticas do Registro Civil - 2006*. www.ibge.gov.br

JORGE, Maria Helena P. de Mello, GOTLIEB, Sabina Léa Davidson e ANDRADE, Selma Maffei de. *Análise dos registros de nascimentos vivos em localidade urbana no Sul do Brasil*. Rev. Saúde Pública, fev. 1997, vol.31, no 1, p:78-89. ISSN 0034-8910.

JUNIOR, Rodolpho Telarolli. *A secularização do registro dos eventos vitais no Estado de São Paulo*. São Paulo, Rev. Brasileira Estudos Populacionais, 1993, vol. 10, p:145-159.

KANT, Immanuel. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna*, Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAPLANTINE. François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

LOUREIRO, Ana Maria Bastos. *Professor: identidade mediadora*. São Paulo: Loyola, 2004.

MAIA, A. C. Maria. Caracterização dos nascidos vivos hospitalares no primeiro ano de implantação do Subsistema de Informação sobre Nascidos Vivos em município de Minas Gerais, Brasil. 1996. *Revista de Saúde Pública*, vol.31, no.6, São Paulo, 1997.

MAGRO, Viviane M. de Mendonça. Espelho em Negativo: a identidade do outro e a identidade etária. In: GUSMAO, Neusa Maria Mendes (org.). *Infância e Velhice*. Campinas: Editora Alínea, 2003.

MAKRAKIS, Solange. *O registro civil no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Administração, Rio de Janeiro: FGV, 2000, mimeo.

MARTINS, Francisco. *O nome próprio*. Brasília: UNB, 1991.

MELO, Aparecida Vieira; RODRIGUES, Eliana Monteiro; FERREIRA, Angela Lenzi Azzi; PERDIGÃO, Magaly de Losso. *Registros de nascimentos com pais ignorados no município de São Paulo*. Texto apresentado no XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, São Paulo: 1998.

ODALIA, Nilo. Revolução Francesa: A liberdade como meta coletiva In: PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla. *História da Cidadania*: São Paulo, Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever*. Rev. de Antropologia, vol.39, no.1, 1996, p:13-37.

OLIVEIRA, Maria Coleta. *A família brasileira no limiar do ano 2000*. São Paulo: Rev. Estudos Feministas, vol.55, no 1, 1996.

PAIS, M. S. El registro de nacimiento el derecho a tener derechos. In: *Innocenti Digest*. Centro e Invesgaticiones Innocenti de Unicef, no. 9, marzo/ 2002.

PASSOS, Instituto Pereira. *Desenvolvimento Humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro e seus bairros*. Coleção Estudos da Cidade. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2001.

PEIRANO, Mariza. *Sem lenço e sem documento: reflexões sobre a cidadania no Brasil*. Sociedade e Estado, 1(1), p: 49-64, 1986.

PEIRANO, Mariza. *A Teoria Viva e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

PERES, Ana Paula Ariston Barion. *Transexualismo: o direito à uma nova identidade sexual*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Direito, UERJ, 1999, mimeo.

PINSKY, Jaime. Introdução In: *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

PORTELA, Maria Helena de Rezende Brito. *Subregistro de nascimentos vivos em localidades do Estado do Piauí, Brasil*. Rev. Saúde Pública, Dez. 1989, vol. 23, no 6, p.:493-501. ISSN 0034-8910

RABINOVICH, Elaine Pedreira. *Atribuição de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo relato dos nomeados*. Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano, ano 3, São Paulo, 1993.

REIS, Elisa Pereira. *Processos e Escolhas. Estudos de Sociologia Política*. Typographos. Contracapa, 1986.

RODRIGUES, Eliana Monteiro. *Estimativas de risco de mortalidade neonatal a partir dos dados das declarações de óbito*. São Paulo: Tese de Doutorado em Nutrição. USP, 2002, mimeo.

SANTOS, Alba Lúcia dos. *História de perdas fetais contadas por mulheres*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Saúde Pública, USP, 2000, mimeo.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

SARTI, Cynthia Andersen. Famílias enredadas In: *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: IEE/ PUC- São Paulo, 2004.

SCLIAR, Moacyr. O nascimento de um cidadão In: PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan, COSTA, Isabel Aparecida Ribeiro, ROCHA, Semiramis Melani Melo, LEITE, Adriana Moraes, NASCIMENTO, Lucila Castanheira. *Intervalo entre o nascimento e o registro civil: situação no município de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil*. Rev. Brasileira de Saúde Materno Infantil, vol. 4, no.2, abr/jun, 2004.

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. *Estimativas da mortalidade Infantil por microregiões e municípios*. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. *As estatísticas do registro civil e estatísticas vitais. Seu histórico e situação atual*. Rio de Janeiro, IBGE, 2002.

SOUZA, Regina K. Tanno de, GOTLIEB, Sabina L. D. *Subregistro de nascimentos vivos hospitalares em área urbana da região sul do Brasil*,

em 1989. Rev. Saúde Pública, jun. 1993, vol. 27, nº 3, p:177-184. ISSN 0034 – 8910.

STOER, Stephen R., MAGALHÃES, Antonio M., RODRIGUES, David. *Os lugares da exclusão social. Um dispositivo de diferenciação pedagógica*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

THURLER, Ana Liési. *Paternidade e Deserção. Crianças sem reconhecimento, maternidades penalizadas pelo sexismo*. Brasília: Tese de Doutorado em Sociologia, UNB, 2004, mimeo.

UNICEF. The rights start to life. <http://www.unicef.org/> 2005

UNICEF. Situação Mundial da Infância 2006. www.unicef.org.br

UNICEF. À Margem da cidadania. www.unicef.org.br. 2006

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia In: *O desafio da cidade*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

ZATTAR, Neuza Benedita da Silva. *Os sentidos da liberdade dos escravos na constituição do sujeito da enunciação sustentada nos instrumentos de alforria*. Campinas: Dissertação de Mestrado em Lingüística, Unicamp, 2000, mimeo.

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO ENTREVISTAS ADULTOS

- 1- Quantos anos você tem? Você sabe a data do seu aniversário? Você comemora seu aniversário? Onde você nasceu? Você mora com quem?
- 2- Você sabe por que você não foi registrado?
- 3- Quem lhe contou essa história?
- 4- Você sabe por que seu pai/mãe não lhe registrou?
- 5- Você sabe quem escolheu e como escolheu seu nome? Como você é chamada? Como é ser chamada por um nome e, na verdade, não ter esse nome legalmente?
- 6- Você estudou? Como fez?
- 7- Em que situações você já precisou da sua certidão? Que dificuldades já teve? Alguma situação do dia a dia? Como fez?
- 8- Como você se sente não tendo sido registrado? Como é viver sem ter certidão de nascimento?
- 9- O que é uma certidão de nascimento para você?
- 10- Que tentativas você já fez para tentar tirar a certidão? Como foi isso?
- 11- Você trabalha? Já trabalhou?
- 12- E seus irmãos, houve alguma diferença em relação às certidões? Por quê?
- 13- O que você acha do que sua mãe fez? E o seu pai?
- 14- Como está sendo com seus filhos? Ou como pensa em fazer com seus filhos?
- 15- Como se sente com o fato de estar resolvendo isso agora?
- 16- Como pensa sua vida para frente? Tem algum plano? Desejos?
- 17- Percebe alguma diferença ou semelhança entre a sua vida e a de sua mãe, e a de seus filhos pelo fato de vocês não terem certidão?

ANEXO II

Questionário Dados da Criança e do Nascimento

- 1- Nome da criança:
- 2 - Data de nascimento:
- 3- Situação da vacinação
- 4- Está na creche, escola? E o posto de saúde?
- 5 - Fez pré-natal? Onde?
- 6 - No pré-natal falaram da certidão de nascimento?
- 7 - Onde nasceu?(cidade e hospital ou casa?)
- 8 - Tipo de parto?
- 9 - Tinha posto de cartório onde nasceu? Se sim, porque não registrou na maternidade?
- 10 - Quem estava com a mãe quando a criança nasceu? O pai foi lá em algum momento?
- 11 - Você já pensava na questão da certidão antes da criança nascer?

Ficha Social

- 1 - A criança mora com quem?
- 2 – Trabalho do pai e da mãe e salário
- 3 – Escolaridade dos pais
- 4 - Recebe benefícios?
- 5- Condições da casa?

Ficha de identificação pessoal (pai e mãe)

- 1 - Nome do pai:
- 2- Data de nascimento:
- 3- Nasceu em que cidade:
- 4 - Endereço:

5 - Etnia:

6 - Estado civil:

7- Número de filhos e idades:

8 - Esses filhos são registrados?

9 – O pai / mãe está registrado no nome de quem?

só da mãe só do pai da mãe e do pai

10 - Na sua família como foi essa questão do registro de nascimento? Com seus irmãos, avós.

10 - Possui quais documentos? Porque tem esses? Porque não tem os outros?

11- Como você guarda seus documentos em casa?

12- Como você anda com eles na rua?

Questões sobre o nome

1 - Por que escolheu esse nome?

2 - Quem escolheu o nome da criança?

3- Como escolheu esse nome?

Problematizando algumas questões

1 - Porque ainda não registrou?

2 - O que é a certidão de nascimento para você?

3 - Já precisou alguma vez da certidão? Como fez nesse caso?

4 - Como faz com a saúde, escola e programas de assistência? (eles pedem a certidão?)

ANEXO III

Transcrição da entrevista com Sandra

Tula: Hoje é dia 06 de novembro e eu estou aqui com a Sandra em Costa Barros e a gente vai conversar um pouquinho. Sandra quantos anos você tem?

Sandra: Vinte e nove.

Tula: Vinte e nove. Você sabe a data do seu aniversário?

Sandra: Dia 1º de maio.

Tula: Você sabe o ano que você nasceu?

Sandra: Em 78.

(A fita é interrompida)

Tula: Quem te deu essas informações da data do seu aniversário?

Sandra: Minha avó.

Tula: A sua avó materna?

Sandra: É!

Tula: Qual o nome dela?

Sandra: Regina.

Tula: Você comemora o seu aniversário Sandra?

Sandra: Não.

Tula: Nunca comemorou?

Sandra: Não.

Tula: Por que você nunca comemorou?

Sandra: Eu não gosto não.

Tula: Por que você não gosta?

Sandra: Eu gostava, mas depois que eu perdi o meu irmão eu não “coiso” mais não.

Tula: Antes de você perder o seu irmão você chegou a comemorar alguma vez?

Sandra: Já.

Tula: Você perdeu o seu irmão há quanto tempo?

Sandra: Tem quatro anos.

Tula: E ele morreu como?

Sandra: A polícia foi quem matou.

Tula: Aqui mesmo em Costa Barros?

Sandra: Não, lá em Madureira.

Tula: Você sabe onde você nasceu?

Sandra: Em São Cristóvão.

Tula: Rio de Janeiro né? Atualmente você mora com quem?

Sandra: Eu e meu marido e dois filhos.

Tula: Qual o nome do seu marido e das suas crianças?

Sandra: Rogério, Kaylane e Wallace.

Tula: Como é que a sua avó te conta, te passou essas informações da data de aniversário, da sua data de nascimento: foi falando, escrevendo, como é que é isso?

Sandra: Não, ela só falou pra mim a data que eu nasci, aonde eu nasci. Não falam muita coisa, ela e a minha mãe só vivem na guerra ainda.

Tula: Ela te contou por conta própria ou foi você que perguntou?

Sandra: Não, ela mesmo conta.

Tula: Sandra você sabe dizer por que você não foi registrada, por que você não tem a sua certidão de nascimento?

Sandra: Porque a minha mãe não tem a dela.

Tula: A sua mãe também não tem a dela?

Sandra: O juiz vai tirar a da minha mãe agora, pra minha mãe poder tirar a nossa.

Tula: Mas por que a sua mãe não tem a dela?

Sandra: Porque a minha avó não registrou, a minha avó falava que registrou, mas só que ela foi nos cartórios e não consta, aí agora ela foi pro juiz e agora ela está esperando resolver lá pro juiz poder liberar a dela.

Tula: E a sua avó diz que não registrou a sua mãe por quê?

Sandra: Ela fala que registrou, a minha mãe não acha a certidão, só que a minha mãe já rodou os catorze cartórios e consta que ela não foi registrada.

Tula: E aí já está então quase na hora de sair a da tua mãe?

Sandra: A da minha já.

Tula: A sua mãe está com quantos anos?

Sandra: A minha mãe está com quarenta, quarenta e poucos, é isso mesmo.

Tula: E por que só agora a sua mãe resolveu tirar a dela?

Sandra: Porque ela era preguiçosa, é preguiçosa ainda (risos)
(A fita é interrompida)

Tula: Bem, eu estava te perguntando por que só agora a sua mãe correu atrás da dela, agora que ela está com quarenta anos? Aí você estava dizendo que...

Sandra: E porque a minha irmã ficou dando em cima dela e fui lá também e falei com ela e meu padrasto está correndo com ela pra resolver isso, mas já tem um tempo que eu não vou lá, tenho até que ir lá pra ver se ela já resolveu alguma coisa.

Tula: Mas por que você acha agora a sua mãe resolveu tirar e por que antes ela não tirou?

Sandra: Ela não fala o porquê, ela não criou a gente quem criou foi a minha avó. Agora que ela parou mais um pouco e ficou em casa, que a minha mãe não ficava em casa.

Tula: E por que a sua avó dizia que tinha registrado a sua mãe e não tinha? Vocês conversaram isso com ela?

Sandra: Ela fala que registrou, ela morre dizendo que registrou, parece que a minha foi e não tem nada, não encontrou nada, aí agora o juiz vai tirar a dela, outra. Pela primeira vez porque ela não tem aí vai ser a primeira pra ela poder "registrar eu", meu irmão, meus irmãos, os outros irmãos que não tem.

Tula: Você tem dois filhos. Qual o nome e a idade deles?

Sandra: O Wallace tem seis e a Kaylane tem quatro.

Tula: E como é que foi a história da certidão deles? Quem fez? Fez no nome de quem? Como é que foi isso?

Sandra: No nome meu e do pai deles, o pai deles foi lá em Madureira e conversou com um rapaz e aí o rapaz foi e tirou pra ele.

Tula: O rapaz do cartório?

Sandra: É!

Tula: O que ele conversou com o cartório para as crianças virem com o seu nome?

Sandra: Que eu não tinha documento, aí ele queria botar no meu nome e no dele, aí o rapaz foi e fez pra ele.

Tula: Você sabe dizer se ele pagou alguma coisa?

Sandra: Não, fez de graça os dois.

Tula: Essa certidão deles é desde bebê ou foi maiorzinhos?

Sandra: Desde bebezinhos, desde bebê ele já tirou a certidão deles.

Tula: Você tem quantos irmãos Sandra?

Sandra: Eu tenho seis.

Tula: Você e mais seis?

Sandra: Não, tem eu, Rafael, Célia, Diogo, Rayssa e Ruane.

Tula: Algum desses cinco é registrado?

Sandra: A minha irmã Ruane é. No nome do pai.

Tula: Só no nome do pai?

Sandra: Do pai e da irmã dela que ajudou ela.

Tula: Sua irmã também?

Sandra: (...) ⁵⁹ tem, fez doze anos agora.

Tula: A Ruane tem doze anos? Então deixa ver se eu entendi: na certidão de nascimento da Ruane que hoje tem doze anos, entrou como pai o pai dela mesmo...

Sandra: ... o pai dela.

Tula: ... o pai biológico né e como mãe ...?

Sandra: ...a irmã dela.

Tula: Que é a sua irmã também?

Sandra: Não.

Tula: Não? Ah, uma irmã por parte do pai.

Sandra: Do pai dela, é.

Tula: Uma filha do pai, é isso? Uma irmã dela como mãe?

Sandra: Isso!

Tula: Por que ela tinha documentos?

Sandra: Tinha.

⁵⁹ Esse símbolo significa que não consegui compreender o trecho falado

Tula: E o pai biológico dela também?

Sandra: É, o pai dela também.

Tula: Então o nome da sua mãe não entrou na certidão da Ruane?

Sandra: Não, não, não, não entrou não.

Tula: Ela não tem lá na filiação nem no sobrenome?

Sandra: Não.

Tula: E ela sabe disso, a Ruane?

Sandra: Sabe, o pai dela já falou pra ela.

Tula: E a Ruane hoje mora com quem?

Sandra: Com o pai.

Tula: E é aonde?

Sandra: Lá no Largo do Tanque, em Jacarepaguá.

Tula: Então além da Ruane, você tem mais quatro irmãos, é isso?

Sandra: É!

Tula: E esses quatro nunca foram registrados?

Sandra: Não.

Tula: Então me dá o nome e a idade deles, aonde cada um mora, o que eles estão fazendo da vida.

Sandra: O Rafael está com ..., eu estou com vinte e nove, o Rafael está com vinte e oito.

Tula: É um ano mais novo que você?

Sandra: É.

Tula: Você é a mais velha?

Sandra: Eu sou a mais velha. Tem a Célia, a Célia está com..., não sei é vinte e quatro, por aí. Tem a Rayssa que tem oito e o Pelé que fez dezessete.

Tula: E nenhum deles está registrado?

Sandra: Não.

Tula: Onde cada um deles mora?

Sandra: A Célia mora em Jacarepaguá, lá no Largo do Tanque também.

Tula: Com quem?

Sandra: Com o marido dela e os filhos, agora está separada, está morando sozinha só ela e os filhos.

Tula: A Célia tem quantos filhos?

Sandra: Dois.

Tula: Eles estão registrados?

Sandra: Estão também.

Tula: Você sabe no nome de quem eles estão registrados?

Sandra: Do pai e do dela.

Tula: E como é que eles fizeram?

Sandra: Ele foi também foi no cartório e conversou com um rapaz também e aí foi e fez a certidão no nome deles, lá em Nova Iguaçu, que ela morava lá em Nova Iguaçu e agora ela mudou pra lá. E o meu irmão tem quatro só que não é registrado no nome dele, porque não pode porque ele não tem documento, só esses que estão no nome da minha cunhada.

Tula: Os quatro são dele com essa sua cunhada?

Sandra: É, não leva o nome dele só da minha cunhada, entendeu?

Tula: Entendi.

Sandra: Fábio da Silva Moura que é só no nome da minha cunhada que é o nome do meu marido também e ele fica falando: "-Poxa, os meus primos tem tudo o nome de pai, mãe e eu só tenho o nome da senhora, eu não tenho o nome do meu pai na minha certidão!" e aí a minha cunhada fala: "- Porque o seu pai não tem, mas o dia que o seu pai tirar vai entrar o nome dele na certidão de vocês!", dos quatro dela pequenos.

Tula: Seu marido é irmão dela, é isso?

Sandra: É, é, é irmão dela.

Tula: E seu outro irmão?

Sandra: O Pelé? O Diogo?

Tula: É faltam dois, não é isso? Falta falar de dois.

Sandra: É o Diogo e a Rayssa.
(Alguém fala: "- O Fabio.")

Sandra: O Fabio já morreu!

Tula: O Diogo está com quantos anos?

Sandra: Dezesete.

Tula: E ele não está registrado?

Sandra: Não.

Tula: Onde ele está morando?

Sandra: Com a minha mãe.

Tula: Esse mora com a sua mãe?

(Breve silêncio como se tivesse respondido a pergunta balançando a cabeça)

Tula: Ele tem filhos?

Sandra: Não, tem não.

Tula: E o outro irmão ou irmã, quem é?

Sandra: É a Rayssa.

Tula: está com quantos anos?

Sandra: está com oito.

Tula: A Rayssa, eu acho que ela morava com você, não era?

Sandra: É!

Tula: Uma vez que eu vim na sua casa!

Sandra: É aquela mesma, só que agora ela está no colégio interno lá em Vargem Pequena que a minha mãe botou ela, aí ela vai sair agora no final do ano. Também o juiz de lá também apertou a minha mãe pra a minha mãe correr atrás da certidão senão ela ia perder ela pra ele, ela ia pra adoção, aí agora a minha mãe está correndo atrás.

Tula: Então a Rayssa ainda não tem a certidão?

Sandra: Não, ninguém ainda tem.

Tula: A decisão de colocar ela nesse colégio interno foi de quem?

Sandra: Da minha mãe.

Tula: Você sabe o porquê? Como é que foi?

Sandra: Ah, porque ela tava aprontando muito, muito levada, fazendo coisa que não devia, aí minha mãe botou ela lá.

Tula: Como era mesmo o nome do seu irmão que faleceu?

Sandra: Fabio.

Tula: Fabio. O Fabio quando morreu tinha a certidão?

Sandra: Não.

Tula: Eu lembro que vocês comentaram alguma história da morte dele, dessa questão da papelada, da documentação, conta pra mim como é que foi?

Sandra: Ele deixou uma filha que está com sete anos.

Tula: Vive com quem?

Sandra: A mãe dela deu ela pra uma moça criar lá no Quitondo.

Tula: E chegou a registrá-la antes de dar?

Sandra: É registrada no nome dela, da mãe dela, que é a minha cunhada, que é irmã do meu esposo.

Tula: Só no nome dela?

Sandra: Só no nome dela.

Tula: E quando o seu irmão faleceu, como é que vocês resolveram essa questão da papelada?

Sandra: A minha avó.

Tula: Me conta como é que foi?

Sandra: A minha avó registrou ele no nome dela, como se fosse filho dela pra poder enterrar ele.

Tula: Quando ele morreu?

Sandra: É.

Tula: Você lembra em que cartório ela foi? Como foi que ela fez?

Sandra: Ah, ela fez tudo lá na cidade mesmo, lá perto do IML, pra lá, que era pra reconhecer o corpo, pra enterrar, essas coisas, aí lá mesmo ela resolveu tudo.

Tula: Sua avó está morando onde agora?

Sandra: Na Cidade de Deus.

Tula: Junto com a sua mãe?

Sandra: Não, ela mora separado, ela mora de aluguel.

Tula: Então essa história de você não ter sido registrada, seus irmãos, quem é que conta essas histórias pra vocês?

Sandra: A minha avó fala que a gente não foi registrada, porque a minha mãe não queria, que não sei o quê. A minha mãe já conta outra história diferente que não registrou porque ela não tinha documento, que não sei o quê, aí fica nessa história. A minha mãe não registrou, o meu pai não registrou, aí ficou assim.

Tula: Vocês cinco são de cinco pais diferentes?

Sandra: É. Eu e meu irmão Rafael somos do mesmo pai, meu pai é o mesmo do dele. Agora a Célia é de um, meu falecido irmão era de outro, o Pelé de um, a Rayssa é de outro e essa minha irmã que é registrada é desse pai que está lá com ela até hoje, cada um é de um pai.

Tula: E por que o seu pai não te registrou, você sabe?

Sandra: Porque a minha avó nunca deixou ele se aproximar da gente.

Tula: Ele não morava com a sua mãe?

Sandra: Não.

Tula: E por que a sua avó não deixou?

Sandra: Porque a minha avó não gostava da família dele e aí não deixava ele se aproximar.

Tula: Mas ela achava que a família dele o que é que tinha?

Sandra: Ah, a minha avó acha que ninguém presta, aí ela não gostava da minha avó, dos meus tios, aí não deixava eles “vê” a gente, meu pai “vê” a gente, a minha avó nunca deixou. Ele morreu eu tava com nove anos, mas ele nunca me via, assim, via às vezes quando eu saía com a minha avó, mas era muito difícil também, porque a minha avó deixava a gente “tudo trancado”.

Tula: Você tem alguma lembrança dele?

Sandra: Eu lembro que o meu pai era moreno, assim, alto, tinha olho de gato, é só isso assim porque “eu vi ele” muito pouco também, a minha avó nunca deixou a gente se aproximar dele.

Tula: Ele não chegou a pegar vocês pra passear um dia?

Sandra: Não, a minha avó nunca deixou. Ele morreu sem ter contato com a gente.

Tula: Você sabe quem escolheu o seu nome?

Sandra: Minha tia.

Tula: Qual tia?

Sandra: A tia Reglina.

Tula: É por parte de pai ou de mãe?

Sandra: De mãe, é irmã da minha mãe.

Tula: E porque ela escolheu esse nome, você sabe?

Sandra: Ah, porque ela achava esse nome bonito, aí foi e escolheu.

Tula: De onde ela tirou?

Sandra: Ela não fala não.

Tula: Como que você é chamada pelos outros? As pessoas te chamam como?

Sandra: Sandra.

Tula: Sandra. Você tem apedidos?

Sandra: Não.

Tula: Nenhum?

Sandra: Nenhum.

Tula: Sandra você chegou a estudar?

Sandra: Até a primeira série, mas depois eu saí, não quis mais não.

Tula: Por quê?

Sandra: Ah, porque eu ficava pela casa dos outros, aí minha avó batia em mim e nos meus irmãos, aí eu fugia de casa, ficava pela rua aí não quis estudar mais não.

Tula: Na época que você estudou, você morava com quem?

Sandra: Com a minha avó.

Tula: Você lembra a escola em que você estudou?

Sandra: Ah, eu estudei em tanta escola por aí, eu nem me lembro mais.

Tula: Você estudou em tanta escola, mas só estudou até a primeira série?

Sandra: É, eu entrava e ficava dois, três dias e depois saía fora e não voltava mais.

Tula: Você lembra com quantos anos você foi pra primeira escola?

Sandra: Eu estava com uns sete..., eu tava com sete anos, aí depois eu fiquei até uma certa idade e aí depois eu peguei e saí, porque a minha avó ficava batendo nos outros quando bebia, aí botava a gente pra fora, pra dormir na rua e aí eu falei: "-Ah, eu não vou estudar mais não, vou ficar pela rua!" e aí eu fiquei pela rua.

Tula: E isso era aonde, em que bairro?

Sandra: Eu morava lá na Mangueira.

Tula: Você nasceu em São Cristóvão e aí foi morar aonde?

Sandra: Eu morava em Ramos, eu me criei em Ramos.

Tula: Aí depois morou um tempo na Mangueira?

Sandra: Foi, aí eu fui pra Mangueira e de lá fui morar direto na Cidade de Deus com a minha mãe, foi quando eu encontrei a minha mãe e fui embora pra lá com a minha mãe.

Tula: Como assim: encontrou sua mãe?

Sandra: Eu encontrei a minha mãe, porque assim, a minha avó tinha ficado internada, que ela teve um derrame, aí ficamos morando com a minha tia e aí a minha tia judiava muito dos meus irmãos, aí eu pedi a minha prima pra me levar a gente pra achar a minha mãe, aí minha prima levou a gente de carro, aí eu achei a minha mãe e aí eu fui embora morar com a minha mãe.

Tula: E quando você veio pra Costa Barros?

Sandra: Ah, eu vim pra Costa Barros quando a gente morava lá no Magarça, a gente morava lá no Magarça, a gente morava lá no Largo do Tanque, em Jacarepaguá, a gente morava lá numa invasão, aí a invasão saiu, aí “a gente fomos” pra lá e aí ficamos morando lá e depois “a gente ganhamos” essas casas aqui e aí depois viemos pra cá.

Tula: Você sabe dizer quem foi que te matriculou na escola? Nas escolas?
(A fita é interrompida)

Tula: Você sabe quem te matriculou nas escolas? Quem ia lá, via vaga?

Sandra: Minha avó, ela ia e via e eu estudava e aí depois ela “coisava” de novo e aí eu fugia da escola de novo.

Tula: Sua mãe não morava com vocês?

Sandra: Não, minha mãe ficava pelo mundo aí. Ela saía ia pra casa quando engravidava, aí ela ia pra casa, aí ela tinha o neném e deixava lá e ia embora.

Tula: Então era a sua avó que ia nas escolas. Você sabe dizer, se a sua avó comentava alguma coisa, o que ela falava pra escola pra conseguir a sua vaga sem a sua certidão?

Sandra: Ela não fala não.

Tula: Você chegou a aprender a ler, a escrever nesse tempo que você ficou?

Sandra: Um pouquinho, eu não sei quase nada.

Tula: Você escreve o seu nome?

Sandra: É muito difícil.

Tula: Você nunca chegou a pensar em estudar em casa ou que alguém te ensinasse?

Sandra: Já!

Tula: Chegou a fazer isso?

Sandra: Cheguei a estudar com uma moça, aí depois a moça falou que não ia poder mais vir, aí ela pegou e não veio mais e aí eu peguei e não estudei mais não.

Tula: Desanimou?

(Breve silêncio, como se tivesse respondido a pergunta balançando a cabeça)

Tula: Sandra, em que situações do dia a dia na sua vida você já precisou da sua certidão de nascimento?

Sandra: Ah, muitas vezes.

Tula: Por exemplo?

Sandra: Ah, negócio de trabalho, pra mim ir ter neném, fazer o pré-natal, não tem certidão e aí eles falam: “-Cadê o documento?” e aí eu falo: “- Não tenho!” e aí eles: “- Ah, você não pode fazer!”

Tula: Você fez pré-natal de algum deles?

Sandra: Nenhum dos dois.

Tula: Você tentou fazer?

Sandra: Tentei, fui no posto fazer exame, aí acusou e me deram o papel e aí eu peguei e fui, mas aí a moça falou que eu não podia porque eu não tinha o documento.

Tula: Eles só falavam isso? Eles não te mandavam pra Assistente Social, não faziam nada?

Sandra: Não mandavam não. Eu pedi pra me encaminharem porque aí eu conversava com a Assistente Social e aí eles falavam: “-Ah, não pode, que não sei o quê, você tem que ter um documento!” Várias coisas a minha certidão faz faltas, várias coisas.

Tula: Você falou de trabalho: como é que é isso?

Sandra: Ah, às vezes eu quero trabalhar de carteira assinada assim e não tem como, como é que eu vou trabalhar sem ter um documento pra provar que sou eu.

Tula: Você já chegou a trabalhar?

Sandra: Ah, eu trabalhei assim, em casa de família que não pede documento, mas sempre tem umas que pedem né e aí fico de arrumar e aí a mulher perguntando: “- Cadê o documento?” e aí eu falo: “- Ah, eu não tenho!” e aí me faz muita falta o documento, agora me faz muita falta.

Tula: Aí você falou do pré-natal, do trabalho, da escola, alguma outra situação?

Sandra: Ah, tem várias situações que pedem o documento.

Tula: Por exemplo?

Sandra: Ah, pra tudo! Fazer um cartão, fazer um negócio e pede documento e você não tem, meu marido trabalha de carteira assinada assim, quer fazer negócio de plano de saúde e eu não posso entrar porque eu não tenho documento, ele fazer um cartão pra mim às vezes e não pode porque eu não tenho documento, muita coisa. Ele fala: “-Sandra vai agir o teu documento, você precisa do teu documento!”, mas eu preciso esperar pela minha mãe.

Tula: Como é que você se sente com tudo isso Sandra?

Sandra: Ah, às vezes eu até choro, às vezes eu choro porque é muito ruim você não ter um documento, muito ruim mesmo. Eu, minha irmã também, meu sobrinho é doente e pra agir as coisas dele lá também não pode porque não tem documento. Era pra ele ter passe livre, ela, mas não tem porque ela não tem documento pra “coisar” ele, ele perde vários tratamentos por causa de documentos também, muita coisa. Meu irmão tem quatro filhos e não pode arrumar um emprego de carteira asslnada porque não tem documento.

Tula: E nesses momentos em que você chora, como é que é esse choro? O que você sente?

Sandra: Ah, eu vejo todo mundo ter documento assim, e só eu que não tenho né, é muito ruim. Às vezes o meu sogro, a minha sogra “fala”:- Poxa Sandra, vai agir os teus documentos, às vezes você tem um trabalho, quer arrumar alguma coisa e não pode, porque não tem o documento pra falar quem é você. Ah, você fala, meu nome é Sandra, mas existem várias por aí, e não tem um documento pra provar que você é você!” Isso é muito horrível e eu falo isso até pra minha mãe, quando eu vou lá, eu falo pra ela e aí ela: “- Não, eu já tô tirando!”, mas nunca vem o documento, e eu não tô indo lá na minha mãe, tem um tempão que eu não vou lá.

Tula: Se a gente combinar de ir lá você me leva até a sua mãe?

Sandra: Levo.

Tula: O que você sente em relação a sua mãe por ela não ter te registrado?

Sandra: Ah, às vezes eu fico com raiva dela, por não ter tirado a minha certidão desde que eu nasci, porque eu falo pra ela: “- Eu nunca vi a pessoa ter filho, sair da maternidade sem registrar!” e aí ela fala: “- Mas eu tive oportunidade, que eu não sei o quê!”. A minha avó fala uma coisa, ela fala outra e fica as duas no jogo de empurra, até hoje

Tula: Então o sentimento que te vem mais forte é a raiva?

Sandra: É!

Tula: E você fala isso pra ela?

Sandra: Falo. Eu, meus irmãos “fala” tudo isso pra ela, o meu irmão que morreu também falava, porque ele tinha a filha dele, porque ele queria trabalhar, pra dar uma moral, uma ajuda pra garota e não tinha como, tanto que ele se revoltou, virou bandido, virou ladrão, morreu roubando por causa disso, porque ele não tinha o documento dele.

Tula: E você sabe dizer como é que a sua mãe se sente não tendo registrada pela sua avó?

Sandra: Ah, ela fala: “-Ah, a minha mãe diz que ela me registrou, agora chega na hora e a minha mãe não me registrou, que não sei o quê...” e aí fica no jogo de empurra: a minha avó fala que registrou, ela fala que a minha avó não registrou ela, que nos cartórios que ela correu consta que ela não é registrada e aí fica nesse jogo de empurra, pra baixo e pra cima. E aí ela anda pra lá e pra cá e diz que o juiz ficou agora de dar os documentos dela, dar a certidão dela agora, aí eu não sei porque eu não tô indo mais lá e a minha irmã também não está vindo aqui.

Tula: E em relação ao seu pai, o que você sente? Por que ele também não te registrou né?

Sandra: Mas porque tipo, a minha avó nunca deixou a família dele chegar perto da gente, entendeu? Ter aquela aproximação: eu era a filha dele, O Rafael era filho dele, ele dava as coisas a gente e a minha avó jogava fora, entendeu? Aí eu não sei lá, eu não sinto raiva dele porque eu acho que tudo veio da minha avó. Eu tenho uma tia e ela mora aqui na Kelson, ela pede sempre “pra mim” ir na casa dela, é irmã do meu pai, ma saí eu nem vou...

Tula: Você nunca teve contato com ela? Por que agora você já é adulta né?

Sandra: Ela sabe que eu tenho dois filhos e ela pediu pra eu levar as crianças pra ela conhecer, mas eu nunca fui lá não. Eu não tenho contato com ela, ela não tem contato comigo, ela sabe que eu existo porque tem um moço que mora aqui na outra rua que o irmão dele é marido da minha tia, aí ela sabe como é que eu vivo, mas eu não pretendo ir lá não, porque eu acho que eles quisessem alguma coisa assim, eles me procurariam, e aí não procuro eles também não.

Tula: Sandra o que é certidão de nascimento pra você?

Sandra: Ah, pra mim a certidão é tudo, você sem uma certidão de nascimento não é nada, sem ela não é nada, nada, nada. Eu queria muito ter a minha na minha mão, mas vou esperar pra ver o que Deus faz, a minha mãe disse que o juiz falou que ia dar a dela né e eu tô esperando, pra ver como é que vai ficar.

Tula: Você acha que é Deus que vai resolver?

Sandra: Ah, eu acho. Eu peço tanto a Deus que resolva isso logo, não agüento mais não ter documento. Eu quero trabalhar, quero ter as minhas coisas assim, e eu não tenho condições de agir nada, porque assim, o meu marido trabalha e se acontecer alguma coisa com ele eu não tenho direito a nada porque eu não tenho documento que prove nada, eu posso até correr não pra mim, mas pelos meus filhos eu não posso.

Tula: Você disse que a certidão de nascimento é tudo. Como assim tudo?

Sandra: Ah, porque com ela era pra eu está com os meus documentos na mão, ter a minha vida, trabalhar, aí tirar um cartão, tirar minhas coisas pra dentro de casa e eu não posso porque eu não tenho, aí tenho de esperar tudo por ele.

Tula: Sandra, você já fez alguma tentativa pra tentar tirar a sua certidão de nascimento?

Sandra: Já, já andei pra caramba.

Tula: Me conta essa história?

Sandra: Ah, já mandaram eu ir ali em Acari, eu fui também e não consegui. Fui lá na cidade não consegui nada, só com a minha mãe, aí eles falaram: “-Só com a mãe!”, aí fui lá pra casa da minha sogra lá em Sepetiba fui com a minha cunhada num negócio que tava tendo lá pra tirar a certidão, aí fui e aí eles falaram que só com a minha mãe que eu podia tirar. Aí eu falei: “-Ah, eu não vou mais não!” A minha irmã também andou pra caramba, grávida do meu sobrinho pra tirar e não consegui.

Tula: Seus irmãos já tentaram tirar?

Sandra: Já, todo mundo já andou, minha cunhada já andou com o meu irmão mas não consegue, eles falam que pra gente ter a certidão só se a minha mãe fosse morta e a gente tivesse atestado de óbito dela.

Tula: Mas você já é adulta, você própria já pode tirar a sua certidão?

Sandra: Eu já fui, mas eles falam: “-Você tem que ter um documento da sua mãe para provar alguma coisa, que assim não pode, que não sei o quê...” e aí começa a falar um montão de coisas e aí eu me irrita e vou embora e volto mais lá.

Tula: E por que você acha que é tão complicado assim, pra conseguir tirar, vai num lugar, vai em outro, demora? Por que você acha que é assim?

Sandra: Não sei. Sempre passa falando: “- Ah, quem não tem a certidão vai lá e tira pela primeira vez e que não sei o quê...” e quando você vai não é nada daquilo que eles falam, você nunca consegue tirar. Eu já andei, já andei, andei sozinha, já andei com a minha cunhada e não consegui nada.

Tula: E aí depois de andar, andar, andar e não conseguir nada...
(A fita é interrompida. Ouvem-se gritos de criança ao fundo)

Tula: Bem, a gente tava falando depois de andar, andar e não resolver, o que você sente, o que você pensa?

Sandra: Ai, eu penso que às vezes eu não vou conseguir tirar porque eu já andei tanto, andei grávida dela, primeiro andei grávida dele aí não consegui, aí andei grávida dela também e não consegui nada. A minha irmã também andou grávida, com o maior barrigão, Inchada e não conseguiu. O meu irmão também, tadinho, ele é doido pra trabalhar de carteira assinada e não pode. A gente às vezes fica até pressionando ela e às vezes ela fala: “-Vocês me pressionam muito!”, mas a gente também quer ter o nosso documento, ela eu sei lá, eu acho que ela não se preocupa em ter o dela, não sei. Pensa que se um dia ela for tirar o documento ela vai ser presa, eu não sei, porque ela já aprontou tanto nessa vida aí. Mas eu já falei pra ela: “-Eu quero o meu!”. Minha irmã também pressiona ela, ela tem que tirar né. Entra ano, sai ano e ela não age nada, não age nada! Esse ano ela falou que ia agir, vamos ver. Tem um tempão que eu não vou na casa dela pra saber.

Tula: Um tempão é quanto tempo?

Sandra: Ah, eu não vou lá desde julho “ver ela”, desde julho que ela não me vê, nem eu e nem as crianças.

Tula: Você falou dessa história que de repente que ela já aprontou muito e tem medo até de ser presa. Fala um pouco disso?

Sandra: Ah, porque ela andava aí no mundo das drogas, se envolvendo com os bandidos, aí já foi presa e aí eu acho que ela tem medo de ser presa né, de na hora de tirar os documentos, a impressão digital dela constar alguma coisa, eu acho que é por isso que ela tem medo de tirar os documentos. Agora eu falei pra ela: “-Isso aí não tem nada haver não!” A gente não pode pagar por um erro que ela já cometeu na vida dela né.

Tula: Mas ela fala isso? Ela tem esse medo?

Sandra: Não, ela não fala, mas às vezes a gente desconfia porque ela tem medo de agir as coisas assim, aí eu falo: ela deve ter medo de ser presa, dela ter aprontado tanto, ter fugido de delegacia que ela aprontou quando ela ficava com o pai do meu irmão que morreu que é traficante pelo mundo a fora, aí eu acho que ela tem medo é disso.

Tula: Uma vez que a gente conversou, vocês contaram que a sua avó também tentou registrar algum de vocês e deu algum problema. Como é que foi essa história?

Sandra: É, ela foi registrar a gente como se fosse filho dela, mas aí ela foi presa porque não podia.

Tula: Nessa hora ela tinha ido registrar todos vocês?

Sandra: Nós quatro. Minha mãe só tinha quatro filhos nessa época que era eu, a Célia, o Rafael e o falecido Fábio.

Tula: Mas como é que no cartório souberam que ela não era a mãe? Você sabe?

Sandra: Ah, ela já era velha pra ter aqueles filhos todos, aí meu tio foi lá e soltou ela, porque o meu tio é delegado de polícia, aí foi e soltou ela.

Tula: Você percebe alguma coisa parecida, alguma semelhança ou alguma diferença entre a sua vida e a vida da sua mãe? Pelo fato de você não ter a certidão e ela não ter tido também, você acha que tem alguma coisa em comum ou não? Você acha que são histórias diferentes pelo fato de não ter a certidão?

Sandra: Eu acho que sei lá..., a minha mãe que não quis agir, porque se a minha mãe quisesse agir isso há muito tempo a minha mãe já tinha agido, entendeu? Porque a pessoa quer alguma coisa, a pessoa persiste até conseguir, mas a minha mãe vivia pelo mundo, tinha filhos e largava, ia embora, ficava nos pagodes pela vida em Madureira e não queria saber de nada. O último filho dela ela largou neném, que era o meu irmão que morreu e que eu ajudei a minha avó a criar. A minha mãe foi embora com os peitos cheios de leite e largou o meu irmão recém-nascido na mão da minha avó.

Tula: E aí comparando essa história com a sua?

Sandra: Ah, eu acho que minha mãe sei lá..., a minha mãe não..., eu às vezes falo pra ela que ela não tem amor de mãe, não gosta dos filhos, porque eu acho

que a pessoa que gosta dos filhos quer dar o nome dos filhos né? Porque um dia ele tem crescer, tem que estudar, tem que ter a sua vida, igual a gente “a gente crescemos” cada um tem a sua vida, cada um foi pro seu lado e não tem documento, não tem nada, aí fica um..., tipo que o meu irmão já tem quatro filhos, eu tenho dois, a minha irmã tem dois, meu irmão morreu e deixou uma, às vezes o meu irmão está parado e aí tem que ajudar, eu ajudo entendeu? A minha avó ajuda dá uma coisinha, outro dá outra, a minha sogra também ajuda, porque se ele tivesse o documento dele com certeza ele não precisaria da ajuda de ninguém, porque estava trabalhando e teria o dinheiro dele ali. Aí às vezes a gente fica com raiva da minha mãe por isso.

Tula: Você acha que ter o nome da mãe é uma coisa importante?

Sandra: É! Mesmo que não tenha o do meu pai, mas tendo o dela né, já é alguma, mas ela não se preocupa. Ela acha que a vida é assim normal e pra ela mesma fica difícil porque ela não tem documento e não pode arrumar um emprego, agora ela está doente, depois que o meu irmão morreu ela teve derrame aí ficou com a mão esquecida e aí vive dependendo do meu padrasto e aí às vezes o meu padrasto se separa dela e ela fica passando necessidade e aí eu falo pra ela: “- Agora se você tivesse os seus documentos e recebia um dinheiro que o Estado paga pra pessoas deficientes né ela não tem como fazer nada, fica de pé e mão atado porque não tem documento.

Tula: Você acha então que dar o nome é uma forma de mostrar amor pelos filhos?

Sandra: Eu acho que sim, eu acho. Porque é assim: eu tenho dois filhos, eles nascessem e eu não ligasse de registrar eles, eu acho que quando eles crescessem eles iam cobrar de mim né, porque eles não tem o documento: “-Ah, mãe porque você não tirou o meu documento?” e o que eu ia falar pra eles: “-Ah, porque eu não tenho o meu, vocês também não tem o de vocês!” E isso porque eu e a minha irmã arrumamos um homem até bom, a minha irmã arrumou um que registrou os dela, o meu registrou os meus e se eles também não quisessem registrar? Aí ficava uma coisa bem difícil né?

Tula: Você tava falando que essa coisa de dar o nome é uma certa maneira de vocês se identificarem entre vocês, criarem um vínculo?

Sandra: É! Também.

Tula: Fala um pouco mais disso?
(A fita é Interrompida)

Tula: Você tava falando dessa coisa do documento como se ajudasse na formação de um grupo né?

Sandra: É!

Tula: Como é que é isso?

Sandra: A cada um tem o seu documento, cada um tem a sua vida e cada um já tem a sua vida, mas fica alguma coisa assim, às vezes a minha irmã também passa dificuldades com os filhos dela porque ela se separou do marido, não tem um documento pra correr atrás de nada, o filho tem direito as coisas também não pode porque ela não tem os documentos pra “coisar”, igual o negócio do Bolsa-

Família quem fez foi a sogra pra ela receber. Eu se for eles assim de caso, não sei se eu posso, ele não pode receber porque trabalha de carteira assinada, ganha bem e não tem como receber pra mim e aí sou eu que tenho que receber e como é que eu vou receber? Tem várias coisas assim que a gente pára pra pensar, a gente conversa com a minha mãe e aí ela fala: "-Ah, a gente já está agindo, não sei o que...", mas que nunca chega essa certidão.

Tula: A gente tava fazendo uma comparação entre a sua vida e a vida da sua mãe. Sua mãe estudou, trabalhou?

Sandra: Nunca!

Tula: Nunca estudou?

(Breve silêncio como se tivesse respondido a pergunta balançando a cabeça)

Tula: A sua avó nunca colocou ela na escola?

Sandra: Botou, só que ela pegou..., a minha avó botou ela até na escola paga, a minha avó botou ela e aí foi e ela foi e enfiou o lápis no cú do ganso, aí foi expulsa da escola, aí depois não quis mais estudar, aí ficou dormindo pela rua, ficou se misturando, aí dali ela foi crescendo, crescendo e foi tendo filho e o mesmo destino que ela teve ela quis dar pros filhos.

Tula: E esse destino está sendo o mesmo?

Sandra: Não, eu não segui o destino dela entendeu? Eu não uso drogas, eu não gosto, mas meu irmão usava, a minha irmã usa, o filho dela é até doente por causa de drogas do pai e dela, dela e do menino que usa drogas também, o meu irmão também não usa o outro, esse que mora lá na Cidade de Deus, o Rafael, o Pelé também não, o Pelé bebe mas não usa drogas. Aí os meus irmãos "veio" com o destino da minha mãe, a gente já veio mais "coisa", eu acho que o destino que a minha mãe teve é o destino que os meus irmãos estão tendo também. Aí ela fala: "- Ah, não sei quem eles puxaram!" Eu acho que puxaram ela né?

Tula: E você sabe se eles têm consciência disso, se eles param pra pensar nisso?

Sandra: Ah, meu irmão falou que não larga a droga, só quando morrer, o meu irmão falava também que não ia largar e terminou morrendo e aí largou mesmo, mas a irmã eu não sei qual será o destino dela mesmo. (...) é doente e também não..., cheira, fuma, faz tudo, fez tudo o que tudo o que a minha mãe fez na vida: roubou, traficou, fez tudo, foi o destino que a minha mãe teve.

Tula: (...) os seus filhos estão registrados?

Sandra: está.

Tula: Mas ela não tem o documento?

Sandra: Ela não.

Tula: Sandra, quando você pensa assim, que um dia você pode vir a ter a sua certidão de nascimento, que ela pode chegar e tal, um dia nas suas mãos, como é que você pensaria, como é que você imagina esse dia, esse momento e o que você pensaria da sua vida daí em diante?

Sandra: Ah, eu penso que vai ser o dia mais feliz da minha vida, ter a minha certidão.

Tula: Por que?

Sandra: Ah, porque tem tantos anos que eu venho lutando pra ter e nunca tenho, vai ser é o melhor dia pra mim.

Tula: E daí em diante: o que você sonha, imagina, faz de conta...?

Sandra: Eu quero trabalhar! Eu quero trabalhar, ter as minhas coisas, poder ter os meus documentos na minha mão, tomara que esse dia “chega”

Tula: E o que você acha que precisa pra ela chegar?

Sandra: Eu tô precisando é só da minha mãe agora, pra ela correr atrás e ir lá pra ver se está tudo “coisa” porque ela já foi no cartório e a mulher falou que agora só depende do juiz pra tirar o dela.

Tula: Deixa ver se eu entendi: por que você como adulta, você própria pode tirar a sua certidão, eles iriam convocar a sua mãe em algum momento, já que ela é viva né? Você não tomou esse caminho de você própria ir lá tentar tirar e a Justiça convocar a sua mãe, ou você está querendo que a sua mãe tenha essa atitude de ir lá e te registrar?

Sandra: Não, já fui, já conversei lá, aí eles falam que tem que ter a minha mãe, porque a minha mãe ainda não tirou a certidão da gente até agora, porque agora a gente “somos” todo mundo de maior, o único de menor lá é o Pelé e a Rayssa que é de menor; e eu, o Rafael, a Célia, tudo de maior tudo não tem os documentos? Aí eu falo: “- Porque a minha mãe não registrou, porque não sei o que...” Aí eles falam: “-Não, é sua mãe que tem que registrar vocês, não tem condições de vocês tirarem uma certidão “sozinha”, teria sim se ela tivesse morrido e se vocês tivessem o atestado de óbito dela.”

Tula: Quem te falou isso mesmo?

Sandra: Lá cidade, é que eu já fui lá na cidade, em todo lugar que os outros anda eu ir porque vai tirar e aí eu vou e aí todo mundo fala a mesma coisa pra mim. Aí fui em Sepetiba, conversei até com um advogado que tem lá, e aí ele falou a mesma coisa pra mim: “-Só tiro se a minha mãe tirar a minha! E aí é já mais um caminho aberto já tirar a dela e me dar pra tirar a minha, aí pra mim se torna mais fácil, porque eu teria prioridade se a minha mãe fosse morta, se eu tivesse atestado de óbito dela, mas a minha mãe é viva, prova que ela é viva e eu não posso tirar. Porque no caso se eu tirar, depois ela tirar a dela dá até cadeia, porque eu tô..., ele me explicou lá né. Como é que eu vou tirar uma certidão com a pessoa viva e assim, aí eu expliquei pra ele que a minha mãe tava tentando tirar a dela e tal, aí ele falou: “-Agora mesmo que você não pode tirar, porque ela já mexeu no caso, então tem que deixar ela ir até o fim. Pra ela poder ter a dela, dar pra você, pra você ir tirar a sua.”

Tula: Ele falou algo tipo falsidade ideológica...?

Sandra: É! Isso mesmo!

Tula:...Falso testemunho...?

Sandra: Isso mesmo, que eu fui com a minha cunhada e aí a minha cunhada também conversou com ele e ele falou que não pode. Tem que esperar ela mesma tirar a dela, pra gente poder ir tirar a nossa.

Tula: Então, quando sim você conseguir a sua, a sua mãe tendo tirado a dela, você acha que vai ter algum sentido pra você assim de que alguma forma é a sua mãe que vai está te registrando?

Sandra: É!

Tula: Que ela deveria, poderia ter feito isso?

Sandra: Ter feito isso quando a gente era pequeno né. Agora depois de grande todo mundo já tem filho é que ela veio agir com isso.

Tula: Ela tem quantos anos?

Sandra: Minha mãe tem quarenta, não sei se é quarenta e sete, é um negócio assim que a minha mãe tem.

Tula: Ela é nova!

Sandra: É, a minha mãe é nova.

Tula: Então ela teve seis filhos, é isso? Ou ela teve mais outros?

Sandra: No caso, eu era gêmea só que o meu irmão morreu e só ficou eu.

Tula: Morreu bebê?

Sandra: Morreu bebê, aí ficou só eu. A minha mãe era pra te muito mais filhos ainda, só que a minha avó “fazia ela” fazer aborto, ela também tirava, aí no caso só ficou sete. No caso ela só tinha quatro, aí depois ela arrumou o Pelé, a Andreza que morreu também com um ano, ela tinha um aninho, morreu de verme, aí depois ela engravidou do Pelé, aí veio o Pelé, aí depois ela largou..., o pai do Pelé morreu, aí ela arrumou essa minha irmã que tem doze anos hoje, a Ruane, aí depois ela foi e arrumou esse pai da minha irmã que é a Rayssa, que é a mais nova, lá de casa. Agora ela ligou se não também ela tava com mais filho por aí, aí no caso só tem seis mesmo.

Tula: Você tem algum lugar na sua casa que vocês guardam os documentos que vocês têm? Os das crianças, ou alguma papelada dessa sua aí de tirar a certidão, tem alguma pasta, alguma coisa assim que você guarde?

Sandra: De papel meu eu até rasguei, fiquei com tanta raiva que eu até rasguei.

Tula: Como é que foi isso?

Sandra: Ah, porque tenta tirar e a gente não consegue e aí eu falei: “- Ah, não vou correr mais nada não!” aí eu fui e rasguei “os papel”. Mas a certidão das crianças eu guardo, eu guardo ali. Eu vou até comprar uma pastazinha “pra mim” botar.

Tula: Posso ver a certidão das crianças?
(A fita é interrompida)

Tula: Quem escolheu esse nome Wallace?

Sandra: O pai dele.

Tula: De onde ele tirou você sabe?
(Breve silêncio)

Tula: Como é o nome do seu marido?

Sandra: Rogério.

Tula: O Catarino é da sua....?

Sandra: É da minha avó.

Tula: E o da Silva é do Rogério?

Sandra: É o da Silva é do Rogério.

Tula: Aí tem avó materna: Andréia Catarina...

Sandra: É minha mãe.

Tula: Sua mãe?

Sandra: É!

Tula: E a Kailane, como é que você escolheu esse nome?

Sandra: Foi ele também que escolheu.

Tula: Quem escolhe os nomes é o Rogério?

Sandra: É! Ele que escolhe.

Tula: Por que?

Sandra: Ele gosta de escolher nomes.

Tula: Você não?

Sandra: Não, eu ia botar o nome dela de Monique, ele não quis, aí botou Kailane.

Tula: A palavra final é dele?

Sandra: (Risos)

Tula: A Kailane foi registrada com uma diferença maior né?

Sandra: Foi.

Tula: Ela já tava com mais de dois anos não é isso?

Sandra: É!

Tula: O Wallace não, o Wallace é de 19 de dezembro de 2000, 26 de dezembro de 2000. Ela nasceu em 04 de agosto de 2003 e foi registrada em 07 de novembro de 2005. O que aconteceu que deu essa distância de dois anos?

Sandra: Porque ele ficou com medo de ir por causa dos meus documentos e não ter os meus documentos pra registrar e o cara não fazer pra ele. Aí o meu compadre ficou insistindo: “-Vai lá, vai lá! Pra ver se consegue!”, aí ele pegou e foi e conseguiu.

Tula: Ela nasceu no Rocha Faria. Esse cartório aqui é em Madureira, o outro também foi em Madureira também, o mesmo cartório, ok. Sandra, pra encerrar, o que você teria a dizer, o que você teria a perguntar?

Sandra: Como assim?

Tula: A gente está encerrando né esse primeiro papo nosso, as perguntas que eu tinha pra fazer, conversar com você eu fiz aqui. Então pra fechar essa nossa conversa gravada de hoje, se tem..., quer deixar mais algum depoimento, quer falar alguma coisa?

Sandra: Não.

Tula: Nada? Não quer acrescentar nada? Uma frase, um sentimento, uma...?

Sandra: Ah, meu sentimento é só ter a minha certidão, queria muito ter, antes do Natal, mas tô vendo que não vai dar.

Tula: Você queria esse presente de Natal esse ano?

Sandra: Queria minha certidão.

Tula: Mesmo que não saia esse ano, você acredita dentro do fundo do seu coração que você vai conseguir um dia?

Sandra: Eu tenho. Eu tenho muita fé em Deus que eu vou conseguir e apertar a minha mãe também é claro, até ela tomar atitude dela mesma ir lá, porque ela falou que está esperando o juiz, então vamos ver.

Tula: Ela já mostrou algum papel pra você disso?

Sandra: Ela está com as papeladas na mão.

Tula: Você viu?

Sandra: Vi tudinho.

Tula: Ela de fato está fazendo o que está falando?

Sandra: está! Já foi lá no DETRAN “pra coisar” as impressões digitais dela e agora só falta a autorização do juiz pra ela pegar a certidão dela.

Tula: Ela já correu cartório?

Sandra: Já, ela já fez tudo, só falta isso.

Tula: Sandra, tem muita gente diz que a certidão de nascimento tem haver com a pessoa ser cidadão, ter a cidadania. Você acha que tem haver alguma coisa com a outra: a certidão de nascimento e a cidadania? Ser cidadão?

Sandra: Eu acho que sem certidão não é.

Tula: Não é o quê?

Sandra: Não consta pro mundo que você existe.

Tula: Então você acha que certidão de nascimento e cidadão tem alguma relação?

Sandra: Tem.

Tula: E qual seria essa relação pra você?

Sandra: Ah, porque hoje em dia você sem certidão você não é nada sem documento.

Tula: está. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

Sandra: Não.

Tula: Então, Sandra, muito obrigada.

ANEXO VI



SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE
HOSPITAL ESTADUAL CARLOS CHAGAS

FICHA I - Ficha das crianças que não possuem Certidão de Nascimento

2 crianças
- 1 em via de vida
- 1 não foi internada

Data: 09 / 10 / 2002 Assistente Social: Julia e Rita

Abordagem realizada junto à: Mãe: Kátia Cristina Santiago

Nome da criança: Luiz Felipe

Endereço: Rua Delta, 10 Ricardo de Albuquerque 2047-0064 (Há) - União de Kátia
cel - 9242-2899 (Rio fozes) 3340-2989 Vera (vizinho de Luís namorado de Branca)

Matrícula: Diagnóstico: Bronquite

Data da internação: 08 / 10 / 2002 Data da alta: 14 / 02 / 2003

Motivos pelos quais a criança ainda não foi registrada: Porque o pai demorou a fazer o ede e depois também porque ele perdeu todos seus documentos

Significados da Certidão: É importante por causa da escola e do cartão de vacina

Data de nascimento da criança: 15 / 04 / 2002 Nº do DNV: 7603442

Hospital e Cidade onde nasceu: Maternidade Alexander Fleming - Rio de Janeiro

Quem estava com a mãe quando a criança nasceu? Sua irmã

Idade da mãe: 40 Idade do pai: 40

Tem mais quantos filhos? 12 filhos São registrados? só 1 filho de 13a que ainda não foi registrado



SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE
HOSPITAL ESTADUAL CARLOS CHAGAS

FICHA II - Ficha da Certidão de Nascimento

Data: 14 / 02 / 2003 Assistente Social: Rita

Nome da criança: Luiz Felipe Santiago

Por que escolhe esse nome? Porque gostava desse nome

Data de nascimento: 15 / 04 / 2002 Data do registro: 12 / 02 / 2003

Numeração: Folhas: 25 Livro: AA-0197 Número: 77607

Nome da Mãe: Kátia Cristina Santiago

Nome do Pai: Amauri Jorge Leopoldo

Cidade de registro: Rio de Janeiro Declarante: a mãe

Pagou? Não Sim R\$ — Qual foi o argumento do cartório para cobrar?



Registro Civil das Pessoas Naturais

6ª Circunscrição da 3ª Zona do Rio de Janeiro

Dilson Neves Chagas Oficial

RegisTrodor

12] Rua Teófilo Otoni nº 188, Centro- tel: (021) 22232461 ou 22232479

CERTIDÃO DE NASCIMENTO TRASLADO

CERTIFICO que a fls. 114 do livro nº 35 AE sob o número de ordem 13907, foi lavrado hoje o assentamento de **Lucas Henrique Vieira Brasileiro**, nascido no dia 25 de junho de 1999, às 12:00 horas, no(a).Rio de Janeiro, do sexo masculino, filho de Tula Vieira Brasileiro, sendo avós maternos: Jota Brasileiro e Norma Vieira. Foi declarante Tula Vieira Brasileiro. Dispensadas as testemunhas/na forma do artigo 529 da Consolidação Normativa da C.G.J. Observações: Art.46 da Lei 6015/73.-*--*--*-

O~ana (jerrwutiUi)

TJII 01/16414

Eu

.~, escrevente autorizado, a

extraí. O referido é verdade e dou fé.

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2004

/ L ~ ~ LI

Oficial jlóRegistro Civil

Tab. 03,11 R\$ 10,3: Tab. 01,09 R\$ 1.82 FETJ 20% R\$ 2.43

Sem Emolumento - LS

OfJana qembatiu{
TJII 01/16414



RFM37893

11111111 111111 111111 11111111111111111111

ANEXO VI

ALGUNS FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE CONSTITUIÇÃO DO REGISTRO CIVIL

O que sabemos sobre a história do registro civil? Como será que o direito ao registro civil veio se configurando na realidade brasileira?

O estudo do registro civil nos remete a era da Antiguidade. Nas primeiras épocas da história da humanidade, em decorrência da simplicidade das estruturas sociais e jurídicas, se atribuía pouca importância ao estado civil das pessoas, as mesmas não tinham a necessidade de pré constituir prova de seu estado civil e tão pouco da sua publicidade. Assim sendo, tais registros tinham somente finalidades militares e tributárias (Laurenti et al In Castanhel, 2003).

Na Grécia Antiga e no Império Romano, as Informações sobre nascimentos e casamentos eram comunicadas pelos chefes das famílias (Altmann e Ferreira, 1981).

Em Atenas, o pai requeria a Inscrição num registro próprio destinado aos cidadãos livres após ter prestado juramento da legitimidade do filho nascido vivo. Num segundo momento, ao completar 18 anos, quando atingia a maioridade o cidadão ateniense era novamente registrado, completando seu nome civil. Por fim, aos 21 anos era feito um novo registro, momento da plenitude de seus direitos privados e públicos. Esses registros dificilmente poderiam ser consultados, sendo mantidos selados, em poder de funcionário próprio (Almeida In Makrakis, 2000).

Segundo Hakkert (1996), data do segundo século antes de Cristo o primeiro sistema sobre registro civil na China.

Nas obras dos séculos IV e V de São Gregório de Nissa e Santo Agostinho que tratam de épocas bem anteriores, a existência dos registros de batismo remonta aos tempos mais antigos da Igreja (Júdice In Makrakis, 2000). O costume dos registros eclesiásticos perdurará e se estenderá aos casamentos e óbitos.

Na Roma Antiga, segundo Almeida (In Makrakis, 2000) a existência das “tabulae albi professionum liberorum natorum” eram criadas pelas “lex aelia sentia” no ano 4 DC e no ano 9 DC as “lex papia”. A autora conclui que era estendido a todo Império a escrituração de livros por funcionários municipais, onde se registravam os nascimentos, emancipações, casamentos, divórcios e mortes. Indica que esses registros não eram obrigatórios e sim de Interesse dos

próprios cidadãos que forneciam dados relativos a seus nomes, filiações e datas dos eventos em função do efeito prático na ocorrência do fato (In Makrakis, 2000).

Em relação aos registros eclesiásticos será somente na Idade Média, segundo Júdice In Makrakis, que se poderá perceber os primeiros sinais do uso do registro religioso par flns civis (2000).

Segundo Almeida, até essa época a utilização do registro se resumia à prova do matrimônio, mas de forma deficiente, além da Inexistência das listas de falecimento e anotações de batismos. Não havia nessas práticas publicidade e grande segurança da prova do estado civil das pessoas. Eram anotações de cunho religioso, não havendo a idéia de que poderiam ser Interessantes do ponto de vista civil. Havia dados imperfeitos e outros essenciais que eram omitidos.

Os batismos, por exemplo, ligavam-se à data do sacramento e não à data do nascimento, os nomes anotados eram os dos padrinhos e não os dos pais. Nos registros de falecimento assinalava-se a data do enterro e não a da morte (In Makrakis, 2000).

Segundo Castanhel (2003), os autores Laurenti et al (1985), Lopes (1960), Telarolli Junior(1993) e Hakkert(1996),

“... esta sistemática de registros não era confiável sob o ponto de vista quantitativo e qualitativo. Pois, como os párcos não tinham critérios pré-estabelecidos, a forma de Inscrever os registros atrelava-se ao livre arbítrio de cada um. Além do mais, tais registros eram restritos aos adeptos da religião católica. Um outro problema encontrado era que esses registros eram pagos, de forma que quando uma pessoa não dispunha de dinheiro para tal fim, o mesmo não era realizado” (pg, 9).

Em 1536, se regulamentou em Portugal a idade dos nubentes aptos para o casamento, assim como a necessidade de registro dos casamentos celebrados pela Igreja em livro especial por tabelião. Nesse mesmo ano, já se previa o registro paroquial dos batismos realizados na igreja lisboense (Júdice In Makrakis, 2000).

Com base nesses fragmentos da história, percebe-se, como relata Telallori Junior (1993), que os primeiros registros dos eventos vitais em moldes próximos aos atuais foram os registros eclesiásticos. Estes foram normatizados e generalizados pelo concílio de Trento, no século XVI, que determinou para todos os párcos dos países católicos a obrigatoriedade do estabelecimento de

arquivos paroquiais. Nestes deveria haver o registro dos batismos, nascimentos, casamentos e óbitos, que até então eram facultativos (Makrakis, 2000; Lopes In Castanhel, 2003).

Segundo Makrakis, é nesse período que o registro civil laico vai sendo Introduzido, acabando o caráter essencialmente religioso e, ao mesmo tempo surge a figura do escrivão, responsável pelos registros e assentos (2000).

Um dos mais antigos sistemas de registro de nascimentos e óbito, a cargo de autoridades civis foi o estabelecido pelos Incas no Peru, no século XVI (Telallori Junior, 1993). Os Incas registravam seus nascimentos e óbitos usando cordões coloridos e com nós que chamavam de “quipus”. Estes eram anualmente apresentados ao governo para conhecimento e controle da população (Prescott apud Laurenti et al In Castanhel 2003).

A Revolução Francesa será um marco quando torna lei a publicidade do estado civil das pessoas. Com o Código Napoleônico regulamenta-se o Registro Civil que determinava a responsabilidade de sua Inscrição, que foi transferida para o Estado. Também se criou um fluxo dos fatos vitais e uma forma sistematizada do registro. Estas medidas, características da modernidade, Influenciaram os sistemas de Inscrição dos fatos vitais na Europa (Silveira e Lobbol (1973); Lopes (1960); Laurenti et al(1985) In Castanhel, 2003).

É importante salientar e Makrakis Indica isto, que não é recente a idéia da necessidade de se dar conhecimento dos atos jurídicos privados. Aparece com maior ou menor força, dependendo da época e situação. O desenvolvimento histórico dos registros e suas formas de publicidade não se deram de forma linear, nem de sucessivo progresso, nem igual em todos os lugares. Diferentes sistemas conviveram, às vezes nas mesmas localidades, podendo ser determinada pelo Interesse da administração pública, ou por Interesse privado de terceiros. (2000).

Na América Latina, a legislação regulamentada do registro civil data da segunda metade do século XIX. O primeiro país a adotá-la foi o Peru, em 1852, uma herança, talvez da tradição Inca, seguido do México (1859), Venezuela (1863) e por último a Colômbia (1939), segundo Telallori Junior (1993).

No Brasil, no tempo do Império, em função das relações entre a Igreja e o Estado, os registros paroquiais eram revestidos de todo o valor probante, desconhecendo-se outra forma de registro que não o religioso, e perduraram por quase um século como forma de registro civil (Lopes In Castanhel, 2003; Makrakis, 2002).

Remonta ao período Colonial a preocupação com a caracterização demográfica da população e o objetivo, a princípio, era militar.

Em 1776 foi realizado o primeiro Censo pelas autoridades civis e religiosas, com informações vindas das capitanias. Durante o século XIX, houve tentativas de elaboração de estatísticas vitais a partir dos registros eclesiásticos (Balhana, 1986; Pereira, 1982 In Telarolli Junior, 1993).

No Brasil Colônia, a Igreja exerceu atribuições de natureza administrativa importantes, o registro de nascimento era feito no momento do batismo, assim como os registros de óbitos e casamentos que eram denominados Registros Eclesiásticos, além de encarregar-se do ensino e da assistência social (Telallori Junior, 1993; Alencastro, 1997). Mesmo após a Constituição de 1824, temos uma realidade em que:

“[...] a continuidade da união entre a Igreja e o Estado imperial e o reconhecimento do catolicismo como religião oficial dispensariam por quase todo o século a adoção do registro civil como forma de identificação legal do cidadão brasileiro e de garantia de seus direitos civis... Dessa maneira manteve-se a prática dos livros eclesiásticos, em que desde o período colonial, assinalavam-se nascimentos, casamentos e óbitos em volumes distintos, de acordo com a condição livre ou cativa dos indivíduos registrados” [...] (Castro, 1997, p: 339).

A adoção do catolicismo como religião oficial, implicando a exclusão dos não-católicos dos empregos públicos e do exercício de cargos de representação popular, como deputado e senador, foi criticada pelo pensamento liberal e republicano (Telallori Junior, 1993).

Para Luz, (1994), a história do registro civil no Brasil prendeu-se à problemática da imigração que se intensificou a partir do século XIX, trazendo pessoas que tinham outra religião que não a católica, então oficial no país. Fazia-se necessário à Instituição do registro civil de casamentos, nascimentos e óbitos e o seu reconhecimento jurídico diante das Instituições do estado, pois, as únicas fontes de registro civis na época eram os registros eclesiásticos. Luz entendia que o ser cidadão naquela época passava necessariamente pelo ser católico.

Os registros eclesiásticos dos eventos vitais apresentavam, contudo, certas limitações inerentes à sua natureza, entre elas a íntima relação entre sua integridade e o empenho dos párocos nessa atividade, a inclusão apenas dos católicos, a falta de padronização na coleta de informações nas diferentes

paróquias, e o fato de registrarem não os eventos vitais e suas datas, mas as cerimônias a ele relacionadas (Silveira e Laurenti, 1973 In Telarolli Junior, 1993).

Durante todo o período Imperial, a única fonte de dados para as estatísticas vitais era a Igreja Católica. As poucas tentativas de criação de um sistema laico de registros mostraram-se infrutíferas.

O registro civil brasileiro foi finalmente criado nos últimos anos do Império. Dada a grande resistência das autoridades eclesiásticas, porém, só seria implantado, e com modificações, no período Republicano (Telallori, 1993).

A prática de registro civil de nascimento tornou-se, então, uma ação do Estado a partir da Proclamação da República, com a criação do Código Civil em 1889, assim como o casamento civil e o registro de óbito. Assistimos a separação entre Estado e Igreja quando a igreja católica deixa de controlar uma série de atividades ligadas ao domínio público de todos os brasileiros, como a vida e a morte das pessoas (Melo et alli, 1998; Simões, 2002)

A República regulamentou a separação entre Estado e Igreja na Constituição Federal de 1891 e assegurou a todos os indivíduos o livre exercício de culto religioso, o reconhecimento pelo Estado somente do casamento civil e a secularização dos cemitérios, que passaram a ser administrados pelas câmaras municipais (Oliveira, 1990 In Telallori Junior, 1993), além de garantir o ensino laico nos estabelecimentos públicos.

Porém, nem tudo foi tranquilo nesse processo. Houve resistência do clero, seus agentes criavam toda espécie de dificuldades à implantação do novo sistema, muitas vezes também por parte da administração pública que mostrava uma certa indisposição com a Igreja e da população, em forma de desobediência civil. O casamento religioso, o batismo e o registro eclesiástico de óbito continuaram por muito tempo tendo a preferência da população. Situação mais acentuada nos primeiros quinze anos, mas que deixaria conseqüências. No entanto, cinquenta anos depois de sua secularização, o registro civil tornou-se uma prática comum entre os brasileiros, embora o subregistro fosse ainda muito acentuado em diversas regiões do país. Num levantamento de 1947 foram encontrados em vários municípios do Interior de Minas Gerais e do Espírito Santo índices de subregistro de até 70% do total de nascimentos; e de quase 40% em Vitória (Telallori Junior, 1993). Percebemos assim que o subregistro de nascimentos existe não é de hoje, atravessando os tempos desde a República.